





MELHOR



DO QUE



NOS



FILMES

LYNN PAINTER



intrínseca

# MELHOR DO QUE NOS FILMES

**LYNN PAINTER**

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright © 2021 by Simon & Schuster, Inc.

Copyright da tradução © 2023 by Editora Intrínseca Ltda.

Publicado mediante acordo com Simon & Schuster Books for Young Readers, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division, Nova York, NY.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida, em nenhuma forma ou meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação, armazenamento de dados ou sistema de recuperação, sem a permissão por escrito da Editora Intrínseca Ltda.

Trecho da página 294 retirado de *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, traduzido por William Lagos, L&PM, 2011.

TÍTULO ORIGINAL

Better Than the Movies

REVISÃO

Theo Araújo

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE MIOLO

© 2021 Liz Casal

ARTE DE CAPA

© 2021 Liz Casal

DESIGN DE CAPA

Heather Palisi © 2021 by Simon & Schuster, Inc.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P163m

Painter, Lynn

Melhor do que nos filmes / Lynn Painter ; tradução Alessandra Esteche. - 1. ed. -  
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.  
352 p. ; 21 cm.

Tradução de: Better than the movies

ISBN 978-65-5560-728-4

1. Romance americano. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

23-82460

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

## PRÓLOGO

“Eu sou só uma mulher, que está na frente de um homem, pedindo a ele para amá-la.”

— *Um lugar chamado Notting Hill*

Minha mãe me ensinou a regra de ouro dos relacionamentos assim que entrei no ensino fundamental.

Na plena maturidade dos meus sete anos, entrei no quarto dela após ter um pesadelo (é que um grilo do tamanho de uma casa pode não parecer assustador, mas quando ele fala seu nome completo com voz de robô, fica aterrorizante). Na TV quadrada sobre a cômoda, estava passando *O diário de Bridget Jones*, e assisti a boa parte do filme antes que minha mãe percebesse que eu estava ao pé da cama. Àquela altura, era tarde demais para me resgatar do conteúdo impróprio para crianças, então ela se aconchegou ao meu lado, e assistimos ao final feliz juntas.

Mas minha mente infantil simplesmente não conseguia entender. Por que Bridget abria mão do cara fofo — o mais charmoso — para ficar com o que era um chato de galochas? Qual o sentido disso?

É... passei longe de entender a mensagem do filme e me apaixonei loucamente pelo conquistador. Até hoje me lembro da voz da minha mãe e do cheiro de baunilha do seu perfume enquanto ela brincava com meu cabelo e tentava me explicar a situação:

— Charme e intriga satisfazem só até certo ponto, Libby Loo. Essas coisas sempre perdem o sentido, por isso você nunca, jamais deve escolher o *bad boy*.

Depois daquele dia, compartilhamos centenas de momentos parecidos, explorando a vida juntas por meio de filmes românticos. Era *nosso lance*. A gente se munia de biscoitos e salgadinhos, relaxava e maratonava a coleção dela de finais felizes cheios de beijos do mesmo jeito que outras pessoas maratonavam reality shows cafonas.

O que, pensando bem, deve ser o motivo pelo qual eu espero o cara perfeito aparecer desde que tinha idade suficiente para soletrar a palavra “amor”.

Quando minha mãe morreu, ela me deixou seu legado — a crença inabalável no “felizes para sempre”. Minha herança foi a percepção de que o amor está sempre no ar, é sempre uma possibilidade, e sempre vale a pena.

O Cara Ideal — ou seja, bacana e confiável — podia estar me esperando ao virar a esquina.

Por isso eu estava sempre preparada.

Era apenas questão de tempo até que *finalmente* acontecesse comigo.

## CAPÍTULO UM

“Ninguém acha sua alma gêmea com dez anos de idade.  
Qual seria a graça se fosse assim?”

— *Doce lar*

O dia começou como qualquer outro.

O sr. Fitzherbert deixou uma bola de pelos no meu chinelo, queimei a orelha com a chapinha e, quando abri a porta para ir à escola, dei de cara com meu maior inimigo, que também é meu vizinho, esparramado no capô do meu carro.

— Ei!

Ajeitei os óculos escuros, tranquei a porta de casa e fui em direção ao veículo, com cuidado para não estragar minha linda sapatilha florida nova ao praticamente *correr* até ele.

— Sai de cima do meu carro.

Wes saltou do capô e levantou as mãos, fazendo a pose universal de inocência, embora o sorrisinho torto transmitisse exatamente o contrário. Além disso, eu o conhecia desde o jardim de infância; aquele garoto nunca foi inocente.

— O que você tem na mão? — indaguei.

— Nada.

Ele escondeu a mão em questão nas costas. Embora tivesse ficado alto, sem qualquer traço infantil e fosse um pouco atraente desde o fundamental, Wes continuava o mesmo garoto imaturo que “sem querer” queimou a roseira da minha mãe com uma bombinha.

— Você é tão paranoica — disse ele.

Parei à frente dele e o encarei com os olhos semicerrados. Wes tinha aquele rosto de garoto travesso, cujos olhos escuros — cercados por meio metro de cílios grossos, porque a vida é injusta — entregavam tudo, mesmo quando a boca não dizia nada.

As sobrancelhas erguidas indicavam o quanto ele me achava ridícula. Com base em nossos muitos encontros desagradáveis, eu sabia que os olhos semicerrados queriam dizer que ele estava me avaliando, e que estávamos prestes a discutir a irritação mais recente que ele tinha me causado. Quando seus olhos brilhavam como agora, quase reluzentes de tanta provocação, eu sabia que estava ferrada. Porque o Wes provocador sempre vencia.

Cutuquei seu peito e perguntei:

— O que você fez com meu carro?

— Eu não fiz nada *com* seu carro, *per se*.

— *Per se*?

— É. Não sabe o que significa, Buxbaum?

Revirei os olhos, o que fez com que a boca dele se curvasse em um sorriso provocante.

— Nossa conversa está divertida. Aliás, amei seus sapatos de vovozinha, mas preciso ir — disse ele.

— Wes...

O garoto se virou e se afastou como se eu não estivesse chamando por ele. Só... caminhou em direção à sua casa com aquele jeito tranquilo e confiante. Chegando à varanda, abriu a porta e gritou por cima do ombro:

— Tenha um bom dia, Liz!

Isso não era um bom sinal.

Porque ele jamais ia realmente querer que eu tivesse um dia bom. Olhei para o carro, com medo até mesmo de abrir a porta.

A questão é que Wes Bennett e eu éramos inimigos que travavam uma batalha sem limites pela única vaga de estacionamento

disponível daquele lado da rua. Ele quase sempre ganhava, mas só porque trapaceava. Achava engraçado reservar a Vaga deixando coisas que eu não conseguia tirar do caminho. Tipo uma mesa de piquenique de ferro, um motor ou um pneu de caminhão. Dá para ter uma ideia.

(Embora a palhaçada chamasse a atenção do grupo do Facebook do bairro — meu pai era membro — e os velhos fofoqueiros espumassem de raiva pela deterioração da paisagem, ninguém nunca intervinha. Isso por acaso era *justo*?)

Mas para variar, eu é quem estava surfando na maré da vitória — isso porque, na noite anterior, tive a brilhante ideia de fazer uma denúncia após ele ter deixado o carro na Vaga por três dias seguidos. Omaha tinha um limite de vinte e quatro horas, então o bom e velho Wesley ganhou uma bela multa.

Não vou mentir, fiz uma dancinha feliz na cozinha quando vi o policial colocar a notificação no para-brisa dele.

Dei uma olhada em todos os pneus antes de entrar no carro e colocar o cinto. Ouvi uma risada do Wes, e quando me inclinei para olhar pela janela do passageiro, a porta da casa dele se fechou.

Foi quando avistei o que ele tinha achado tão engraçado.

A multa agora estava no *meu* carro, colada no meio do para-brisa com fita adesiva, e era impossível enxergar qualquer coisa. Camadas e mais camadas de fita adesiva de qualidade duvidosa.

Saí do carro e tentei descolar um pedacinho com a unha, mas os cantos estavam muito bem grudados.

Que babaca.

Quando finalmente cheguei à escola depois de raspar o para-brisa com uma lâmina de barbear, respirei fundo para recuperar meu espírito zen e entrei no campus ouvindo a trilha sonora de *O diário de Bridget Jones* no headphone. Tinha reassistido ao filme na noite anterior — pela milésima vez —, mas dessa vez as



músicas me tocaram de um jeito diferente. Mark Darcy dizendo “O cacete que não beijam” ao beijar Bridget era, lógico, de desmaiar, mas a cena não seria tão digna de um *ai-meu-Deus* sem “Someone Like You”, do Van Morrison, tocando ao fundo.

Pois é... tenho um fascínio meio nerd por trilhas sonoras de filmes.

Essa música começou a tocar quando passei pelo refeitório e avancei em meio à multidão de alunos espalhados pelos corredores. O que mais gosto na música — isso é, quando é possível ouvir em um volume alto o suficiente com fones de ouvido bons (e o meu era o *melhor*) — é que ela suaviza os trancos do mundo. Ao som da voz do Van Morrison, ir contra a corrente do corredor lotado parecia uma cena de filme em vez de pura frustração.

Fui em direção ao banheiro do segundo andar, onde me encontrava com Jocelyn todas as manhãs. Minha melhor amiga sempre dormia demais, então eu quase sempre a encontrava se digladiando com o delineador antes do sinal tocar.

— Liz, eu *amei* esse vestido — elogiou Joss enquanto limpava os olhos com um cotonete, me olhando de relance quando entrei no banheiro. Em seguida, ela pegou um tubo de rímel e começou a aplicar nos cílios. — Flores combinam muito com você.

— Obrigada!

Fui até o espelho e dei uma voltinha para garantir que o vestido evasê vintage não estava preso na calcinha ou alguma outra coisa constrangedora. Duas líderes de torcida envoltas em uma nuvem branca estavam fumando cigarro eletrônico atrás de nós. Abri um pequeno sorriso para elas.

— Você tenta se vestir como as mocinhas dos seus filmes ou é só coincidência? — perguntou Joss.

— Não fale “seus filmes”. Parece que sou viciada em filmes pornô ou algo assim.

— Você entendeu — disse Joss, separando os cílios com um alfinete.

Entendi muito bem. Eu assistia às queridas comédias românticas da minha mãe quase todas as noites, filmes da coleção de DVDs que herdei quando ela morreu. Eu me sentia mais próxima dela assim; parecia que uma pequena parte dela estava ali, assistindo ao meu lado. Provavelmente por termos assistido juntas. *Várias* vezes.

Mas Jocelyn não sabia de nada disso. Crescemos na mesma rua, mas nos aproximamos no segundo ano do ensino médio. Então, embora ela soubesse que minha mãe tinha morrido quando eu estava no sexto ano, nunca conversávamos de verdade sobre isso. Ela sempre achou que eu fosse obcecada pelo *amor*, já que sou uma romântica incurável. E nunca a corrigi.

— Ei, você falou com seu pai sobre o piquenique? — indagou Joss.

Ela olhou para mim pelo espelho, e eu sabia que Jocelyn ia ficar irritada. Para falar a verdade, fiquei surpresa por não ter sido a primeira coisa que perguntou quando entrei no banheiro.

— Ele só chegou depois que eu já tinha ido dormir. — Era verdade, mas eu podia ter perguntado à Helena, se quisesse mesmo saber. — Vou falar com ele hoje.

— Aham, sei.

Ela fechou o rímel e o enfiou na pequena bolsa de maquiagem.

— Vou mesmo. Prometo.

— Vamos? — Jocelyn guardou a bolsa na mochila e pegou seu café, que estava apoiado na bancada. — Não posso me atrasar de novo para a aula de Literatura. É isso ou detenção depois da aula, e também falei para a Kate que deixaria um chiclete no armário dela no caminho.

Ajustei a bolsa carteiro no ombro e dei uma conferida em meu rosto no espelho.

— Espera... esqueci o batom.

— Não temos tempo para isso — disse ela, apressada.

— Sempre há tempo para batom. — Abri o bolso lateral da minha bolsa e peguei meu novo batom favorito, Vermelho Retrô. Caso meu McDreamy, o Derek Shepherd de Grey's Anatomy, estivesse na escola (muito improvável), eu queria estar com a boca bonita. — Pode ir na frente.

Ela se afastou, e eu passei o batom. *Muito melhor*. Guardei o batom de volta na bolsa, coloquei o headphone e saí do banheiro, apertando o play e deixando o restante da playlist envolver minha mente.

Quando cheguei à sala de Literatura Inglesa, fui até a última fileira e me sentei entre Joss e Laney Morgan, deslizando o headphone até o pescoço.

— O que você respondeu na oito? — perguntou Jocelyn enquanto escrevia depressa, terminando a lição de casa. — Esqueci a leitura, então não faço a menor ideia de por que as camisas do Gatsby fizeram Daisy chorar.

Deixei que Joss copiasse minha resposta, mas meus olhos se voltaram para Laney. Se fizessem uma pesquisa, seria unânime que a garota era linda — era um fato indiscutível. Ela tinha um nariz tão fofo que sua existência certamente tinha trazido à tona a necessidade de criar o termo “arrebicado”. Seus olhos eram enormes, como os de uma princesa da Disney, e o cabelo loiro estava sempre brilhante e sedoso, como se a vida fosse um comercial de xampu. Era uma pena que sua alma fosse o exato oposto de sua aparência.

Eu não gostava nem um pouco dela.

No primeiro dia do jardim de infância, ela gritou “Bleeerg” quando meu nariz sangrou, apontando até a turma inteira olhar para mim com nojo. No quarto ano, ela disse ao David Addleman que meu caderno estava cheio de bilhetinhos românticos sobre

ele. (Ela tinha razão, mas isso não vem ao caso.) Laney falou mais do que devia, e, em vez da cena toda ser fofa ou charmosa como os filmes me fizeram acreditar que seria, David me chamou de esquisitona. E, no sexto ano, pouco tempo depois que minha mãe morreu e fui obrigada a me sentar ao lado da Laney no refeitório — porque os assentos eram mapeados pelos professores —, todos os dias, enquanto eu mordiscava meu almoço quase intragável, ela abria a lancheira rosa-bebê e deixava a mesa inteira fascinada com as delícias que a mãe fazia só para ela.

Sanduíches cortados em formatos fofinhos, biscoitos caseiros, brownies com granulado... Era um baú de tesouros de obras-primas da culinária infantil, uma preparada com mais carinho que a outra.

Mas o que me destruía eram os bilhetes.

Não tinha um dia sequer que o almoço de Laney não viesse acompanhado de um bilhetinho escrito à mão. Eram cartinhas engraçadas que ela lia em voz alta para as amigas, com desenhos bobos nas margens, e quando eu me permitia bisbilhotar, lia “Com amor, mamãe” no fim do bilhete, com uma caligrafia rebuscada e corações desenhados. Eu ficava tão triste que não conseguia nem comer.

Todos achavam Laney incrível, linda e inteligente, mas eu sabia a verdade. Ela podia fingir ser legal, mas sempre me olhou de um jeito estranho. *Tôdas as vezes* que aquela garota olhava para mim, parecia que tinha alguma coisa no meu rosto e ela não conseguia decidir se ficava entretida ou com nojo. Embaixo de toda aquela beleza, ela era podre, e um dia o resto do mundo ia descobrir aquilo.

— Quer chiclete? — ofereceu Laney, estendendo a embalagem sabor menta e erguendo as sobrancelhas perfeitamente delineadas.

— Não, valeu — resmunguei.

Voltei a atenção para a frente da sala quando a sra. Adams entrou e pediu o dever de casa. Passamos as folhas para a frente, e ela iniciou a aula. Todos começaram a fazer anotações nos notebooks que recebemos da escola. De repente, percebo que Colton Sparks acenou para mim com o queixo de onde estava sentado, em uma mesa no canto.

Sorri e olhei para o notebook. Colton era legal. Passei duas semanas conversando com ele no início do ano, mas acabou ficando meio *meh*. O que, de certa forma, resumia todo o meu histórico amoroso: *meh*.

Duas semanas — essa era a média de duração dos meus relacionamentos, se é que podia chamá-los assim.

Eis o que em geral acontecia: eu via um cara bonito, ficava semanas fantasiando sobre ele e imaginando que era minha alma gêmea. Todo o período que antecedia relacionamentos de ensino médio sempre começava bem esperançoso. Mas, depois de duas semanas, antes mesmo que chegássemos perto de oficializar qualquer coisa, eu quase sempre sentia o *Eca* — a sentença de morte do desabrochar de qualquer relacionamento.

*Definição de Eca: termo que se refere à sensação repentina de nojo que sentimos quando temos contato romântico com alguém e de repente somos tomados por um desânimo em relação àquela pessoa.*

Joss brincou que eu estava sempre dando uma “olhadinha”, mas nunca comprava nada. No fim, ela tinha razão. Mas minha propensão a microrrelacionamentos de no máximo duas semanas colocava meu par para o baile em risco. Queria ir com alguém que me deixasse sem fôlego e fizesse meu coração acelerar, mas será que ainda restava alguém na escola em quem eu já não tivesse pensado?

Quer dizer, teoricamente eu tinha um par para o baile: eu ia com a Joss. Mas é que... ir ao baile com minha melhor amiga parecia um fracasso. Sabia que íamos nos divertir — tínhamos

combinado de jantar antes com Kate e Cassidy, as mais divertidas do nosso grupo de amigas —, mas o baile devia ser o auge do romance no ensino médio. Devia envolver convites feitos com cartolina, arranjos de flores combinando, o interesse romântico sem palavras de tão linda que fiquei no meu vestido e beijos delicados sob o globo espelhado brega.

Bem ao estilo Andrew McCarthy e Molly Ringwald em *A garota de rosa-shocking*.

O baile não era para ser um jantar entre amigas na Cheesecake Factory e depois ir até o colégio para ter conversas constrangedoras enquanto os casais ficavam se beijando ao fundo.

Sabia que Jocelyn não entenderia. Ela achava que o baile não era nada de mais, só uma festa do colégio para a qual a gente se arrumava melhor, e me acharia ridícula se eu admitisse que estava decepcionada. Ela já estava irritada das tantas vezes que eu tinha adiado a compra dos vestidos, mas eu nunca sentia vontade de fazer isso.

Simplesmente não tinha ânimo nenhum.

Meu celular vibrou.

**Joss: Eu tenho A MAIOR FOFOCA.**

Olhei para ela, mas Joss parecia estar prestando atenção na aula. Dei uma olhada para a professora antes de responder:

**Desembucha.**

**Joss: Só pra vc saber, quem contou foi a Kate, por mensagem.**

**Eu: Então talvez não seja verdade. Entendi.**

O sinal tocou, então peguei minhas coisas e enfiei tudo na mochila. Jocelyn e eu fomos em direção a nossos armários.

— Antes de qualquer coisa — começa ela —, você precisa prometer que não vai surtar antes de ouvir tudo.

— Ai, minha nossa! — Meu estômago se revirou. — O que está acontecendo?

Viramos o corredor e, antes mesmo que eu pudesse olhar para ela, vi que *ele* estava vindo na minha direção.

Michael Young?

Parei de andar de repente.

— Eeeee... essa é a fofoca — anunciou Joss, mas eu não estava mais ouvindo.

As pessoas esbarravam em mim e desviavam, e eu fiquei parada ali, olhando para ele. Michael parecia o mesmo, só mais alto, mais forte e mais bonito (se é que isso era possível). Minha paixão de infância se movimentava em câmera lenta, com passarinhos azuis cantando e batendo as asas ao redor de sua cabeça enquanto seu cabelo loiro esvoaçava em uma brisa reluzente.

Acho que meu coração errou uma batida.

Michael morava no fim da rua quando éramos crianças, e era incrível. Eu o amava desde que me entendia por gente. Ele sempre foi incrível. Inteligente, sofisticado e... sei lá... mais *encantador* que qualquer outro garoto. Ele brincava com as crianças do bairro (eu, Wes, os irmãos Potter da casa da esquina e Jocelyn) de esconde-esconde, pique-bandeira, bola, tocando a campainha das casas e saindo correndo... Mas enquanto Wes e os irmãos Potter gostavam de jogar lama no meu cabelo porque isso me fazia ficar zangada, Michael gostava de identificar plantas, lia calhamaços e *não* se juntava a eles para me torturar.

Minha mente tinha começado a tocar “Someone Like You”.

*I've been searching a long time,  
For someone exactly like you.*

Ele estava de calça cáqui e camisa preta, o tipo de roupa que mostrava que ele sabia as peças que o valorizavam, mas também não passava muito tempo se preocupando com a aparência. Seu cabelo era cheio, loiro e acompanhava o estilo de suas roupas

— intencionalmente casual. Eu me perguntei qual seria seu cheiro.

Do cabelo, quer dizer. Não de suas roupas.

Ele deve ter sentido que havia alguém o encarando, porque a câmera lenta parou, os pássaros desapareceram e ele olhou diretamente para mim.

— Liz?

Ainda bem que tinha insistido em passar o batom Vermelho Retrô. Obviamente o universo sabia que Michael surgiria diante de mim naquele dia, e tinha colaborado para que eu estivesse apresentável.

— Amiga, relaxa — murmurou Joss.

Mas não consegui conter o sorriso no rosto quando disse:

— Michael Young?

— E lá vamos nós... — comentou Joss, com pesar.

Mas não me importei.

Michael se aproximou e me envolveu em um abraço, e deixei que minhas mãos deslizassem por seus ombros. *Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!* Senti um frio na barriga quando os dedos dele tocaram minhas costas, e percebi que aquele podia ser um típico reencontro dos filmes de comédia romântica.

Ai. Meu. Deus.

Eu estava vestida para aquele momento; e ele estava lindo. Será que poderia ser *ainda mais* perfeito? Olhei para Joss, que estava balançando a cabeça, mas não liguei.

Michael tinha voltado.

Seu cheiro era bom — tão bom —, e eu quis memorizar cada pequeno detalhe daquele momento. O toque macio e um pouco gasto de sua camisa, a largura de seus ombros, a pele bronzeada de seu pescoço a poucos centímetros do meu rosto quando ele retribuiu o abraço.

Seria errado fechar os olhos e respirar fun...



— *Ops.*

Alguém embarrou em nós com força, nos tirando do abraço. Fui empurrada contra Michael e depois para longe dele. Quando virei, vi quem tinha sido.

— Wes! — disse, irritada por ele ter estragado meu momento com Michael, mas ainda tão incrivelmente feliz que meu sorriso não diminuiu. Não dava para *não* sorrir. — Olhe por onde anda!

Ele ergueu as sobrancelhas, confuso.

— Ah, é...?

Wes ficou olhando para mim, provavelmente se perguntando por que eu estava sorrindo em vez de ter um ataque de fúria por causa da fita adesiva no meu carro. Ele parecia estar esperando uma lição de moral, e sua expressão perdida me deixou ainda mais feliz.

Soltei uma risada e disse:

— É, seu idiota. Você podia ter machucado alguém, cara.

Ele semicerrou os olhos.

— Desculpa... Eu estava falando com o Carson e fazendo aquela coisa superdifícil de andar para trás — explicou ele, devagar. — Mas chega de falar de mim. Como foi a vinda para a escola?

Eu sabia que ele queria ouvir todos os detalhes — por exemplo, quanto tempo tinha levado para tirar a fita adesiva ou o fato de eu ter quebrado duas unhas que eu havia acabado de fazer —, mas não estava a fim de lhe dar satisfação.

— Foi ótimo, sério... Obrigada por perguntar.

— Wesley! — chamou Michael, em seguida fez um aperto de mão elaborado com o outro garoto (quando eles tiveram tempo de coreografar aquele movimento adorável?). — Você tinha razão sobre a professora de Biologia.

— Foi porque você se sentou comigo. Ela me *odeeeia*.

Wes deu um sorrisinho e continuou a tagarelar, mas ignorei aquele idiota e fiquei observando Michael, falando e rindo e sendo tão charmoso quanto eu lembrava que era.

Mas agora ele falava em um ritmo arrastado.

Michael Young voltou com um sotaque suave que me fazia querer escrever uma carta de agradecimento ao estado do Texas por fazer com que ele ficasse ainda mais atraente. Cruzei os braços e quase me derreti toda enquanto apreciava a vista.

Jocelyn, de cuja existência talvez eu tenha esquecido ao presenciar tamanha beleza, me deu uma cotovelada e sussurrou:

— Calma. Você está babando.

Revirei os olhos e a ignorei.

— Ei, escuta só. — Wes ajeitou a mochila no ombro e apontou para Michael. — Você se lembra do Ryan Clark?

— Lógico — respondeu Michael, sorrindo e parecendo um estagiário do congresso. — Do beisebol, né? Primeira base?

— Ele mesmo — confirmou Wes, agora falando mais baixo. — Ele vai dar uma festa amanhã na casa do pai dele... Você precisa ir.

Tentei me manter inexpressiva enquanto ouvia Wes convidar o *meu* Michael para a festa. Quer dizer, Wes *de fato* andava com os caras que Michael conhecia, mas fala sério. De repente eles eram melhores amigos?

Isso não era bom para mim. Não era mesmo.

Porque a diversão de Wesley Bennett era me zoar, sempre foi. Quando éramos crianças, Wes colocou um sapo na minha casa da Barbie e a cabeça decapitada de um gnomo de jardim na pequena biblioteca comunitária que fiz no meu jardim. Quando estávamos no ensino fundamental, foi ele quem achou que seria hilário fingir que não tinha me visto deitada no meu quintal e decidiu regar os arbustos do quintal dele, me molhando “sem querer” até eu gritar.

Mas sua missão se tornou me atormentar todos os dias por causa da Vaga. Fiquei mais corajosa com o tempo, então meio que me tornei a garota que berrava do outro lado da cerca quando os amigos dele estavam por lá e faziam tanto barulho que eu não conseguia nem escutar música. Mas enfim.

— Boa ideia — respondeu Michael, assentindo, e me perguntei como ele ficaria de chapéu de caubói e camisa de flanela. Talvez um par de botinas, embora eu não soubesse exatamente qual era a diferença entre botinas e botas de caubói.

Teria que jogar no Google depois.

— Mando os detalhes por mensagem. Tenho que ir... Se eu me atrasar para a próxima aula, com certeza vou pegar detenção. Até depois, gente.

Ele virou e saiu correndo.

Michael ficou olhando Wes desaparecer, então olhou para mim e falou, com o sotaque arrastado:

— Ele foi embora tão rápido que nem deu tempo de perguntar... É pra ir com roupa casual?

— O quê? Ah, na festa? — Como se eu soubesse o que eles vestiam para aquelas festas bobas. — Acho que sim.

— Vou perguntar ao Wesley.

— Ótimo.

Eu me esforcei para dar meu melhor sorriso, embora quisesse morrer porque o Wes tinha estragado nosso reencontro fofo de filme.

— Também preciso ir — comentou ele. — Mas não vejo a hora de ouvir as novidades.

*Então me leve à festa!*, gritei internamente.

— Joss? — Michael olhou por cima do meu ombro, boquiaberto. — É você?

Ela revirou os olhos.

— Até que enfim.

Jocelyn sempre foi próxima dos garotos do bairro — jogava bola com Wes e Michael, enquanto eu dava estrelinhas péssimas pelo parque e inventava músicas. Desde então, ela se tornou alta e muitíssimo linda. Suas tranças estavam presas em um rabo de cavalo, mas, em vez do penteado parecer bagunçado, como o *meu* ficava, o dela ressaltava as maçãs de seu rosto.

O sinal tocou, e Michael apontou para o alto-falante.

— Tenho que ir. A gente se vê mais tarde.

Ah, aquele R puxadinho...

Ele seguiu em outra direção, então Jocelyn e eu voltamos a conversar.

— Não acredito que o Wes não convidou a gente para a festa — disse, indignada.

Ela me olhou de canto do olho.

— Por acaso você sabe quem é Ryno?

— Não, mas não é esse o ponto. Ele convidou Michael bem na nossa frente. Devia ter nos chamado também só por educação.

— Mas você odeia o Wes.

— E daí?

— Por que você queria que ele te convidasse, afinal?

Soltei um suspiro.

— A grosseria dele me irrita, só isso.

— Olha, eu acho ótimo que ele não tenha nos chamado, porque não quero ir a festa nenhuma com aqueles caras. Fui na casa do Ryno uma vez, e era só cerveja, uísque de canela e aquelas brincadeiras idiotas tipo “Eu nunca”.

Joss andava com o pessoal popular quando jogava vôlei, então já tinha ido a várias festas antes de a gente virar amigas.

— Mas...

— Olha só. — Jocelyn parou e segurou meu braço, me fazendo parar também. — Era isso que eu ia te falar. Kate disse que Michael agora é vizinho da Laney e que eles andam conversando.

— Laney? Laney *Morgan*? — Nãoooo. Não podia ser verdade. Não, não, não, não, por favor, Deus, não. — Mas ele acabou de chegar!

— Parece que ele voltou um mês atrás, mas estava terminando as aulas da antiga escola pela internet. Estão dizendo que ele e a Laney são praticamente namorados.

Não, não a Laney! Meu estômago se embrulhou quando imaginei seu nariz perfeito. Sabia que era irracional, mas pensar em Laney e Michael juntos era demais para mim. Aquela garota sempre conseguia tudo o que eu queria. Ela não podia ficar com ele também. Droga.

Pensar nos dois juntos me deixou com um nó na garganta e o coração em pedacinhos.

Aquilo ia acabar comigo.

Michael não só era o garoto dos meus sonhos — nós tínhamos uma história importante e maravilhosa, que envolvia beber água direto da mangueira e caçar vaga-lumes. Lembrei a última vez que vi Michael: foi na casa dele. Sua família fez um churrasco de despedida para todos os vizinhos, e fui até lá com meus pais. Minha mãe tinha feito sua famosa barrinha de cheesecake, e Michael nos recebeu na porta e nos ofereceu bebidas como se fosse um adulto.

Minha mãe disse que foi a coisa mais encantadora que ela já tinha visto.

Naquele dia, todas as crianças da vizinhança jogaram bola na rua durante horas, e até os adultos se juntaram para uma partida. De repente, minha mãe — de vestido florido e sandália espadrille — estava comemorando um gol com o Michael. Aquele momento ficou gravado em minha memória como uma fotografia amarelada em um álbum de fotos antigo.

Acho que Michael nunca imaginou o quanto eu era apaixonada por ele. Eles se mudaram um mês antes de a minha mãe

falecer, partindo uma pequena parte do meu coração antes que ele fosse completamente despedaçado.

Jocelyn olhou para mim como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

— Michael Young não é o cara por quem você atravessaria uma estação de trem correndo. Entendeu?

*Mas podia ser.*

— Bem, teoricamente eles ainda não estão namorando, então...

Voltamos a andar rumo ao armário dela, desviando das pessoas no caminho. Provavelmente íamos nos atrasar por causa do encontro inesperado com Michael no corredor, mas com certeza tinha valido a pena.

— Sério. Não faça isso — disse ela, me olhando com aquela cara de mãe dando bronca. — Esse momento com Michael não foi um reencontro fofo de filmes de comédia romântica.

— Mas... — Hesitei por um instante, porque não queria que ela acabasse com minhas esperanças. Ainda assim, as palavras saíram quase em um guincho: — E se tiver sido?

— Ai, minha nossa! Quando descobri que ele tinha voltado, eu sabia que você ia enlouquecer. — Suas sobrancelhas e os cantos de seus lábios murcharam quando ela parou em frente ao armário e o abriu. — Você nem conhece mais o cara, Liz.

Eu ainda ouvia sua voz grave dizendo *tarde* e senti um frio na barriga.

— O tanto que conheço é suficiente.

Ela suspirou e tirou a mochila do armário.

— Tem alguma coisa que eu possa dizer pra trazer você de volta à Terra?

Inclinei a cabeça.

— Humm... Talvez o fato de que ele odeia gatos?

Joss ergueu um dedo.

— Ah, é verdade! Tinha me esquecido disso. Ele odeia gatos.

— Não odeia, não. — Dei um sorriso e suspirei, perdida em uma lembrança. — Ele tinha dois gatos ranzinzas que *amava*. Você não tem ideia do jeito como ele tratava aqueles bebezinhos...

— Eca.

— Tudo bem, *hater* de felinos — impliquei, me sentindo viva, vibrando com o entusiasmo das possibilidades românticas, esconrada no armário ao lado. — Enquanto eu não ouvir um posicionamento oficial, Michael Young está solteiro.

— É impossível conversar quando você está assim.

— Feliz? Animada? Esperançosa?

Eu queria saltitar pelo corredor cantando “Paper Rings”, da Taylor Swift, a toda.

— Delirante. — Jocelyn olhou para o celular antes de me encarar de novo. — Ei, minha mãe disse que pode levar a gente para comprar os vestidos amanhã à noite.

Precisava de alguma desculpa para não ir, mas de repente fiquei sem ideias.

— Acho que tenho que trabalhar.

Ela semicerrou os olhos.

— Sempre que eu toco nesse assunto, você diz que precisa trabalhar. Você não *quer* comprar um vestido?

— Quero. Aham. — Abri um sorriso forçado. — Lógico que sim!

Mas a verdade era que eu não queria.

A emoção que envolvia comprar o vestido era a possibilidade de despertar o romance, de deixar meu par sem palavras. Se isso não estava em jogo, o vestido de baile era só um desperdício de tecido caro.

Além disso, fazer compras com a mãe da Jocelyn era apenas um lembrete de que *minha* mãe não podia ir, o que tirava qualquer atributo positivo daquele passeio. Minha mãe não estaria lá para tirar fotos e ficar emocionada quando sua bebezinha fosse ao

último baile de sua adolescência, e nada deixava isso mais evidente do que ver a mãe da Joss fazer tudo isso por ela.

Para ser sincera, eu não estava emocionalmente preparada para o vazio que parecia acompanhar meu último ano do ensino médio, para os muitos lembretes da ausência da minha mãe. As fotos, os eventos, as inscrições para a faculdade, o baile, a formatura... Enquanto todo mundo ficava entusiasmado com esses acontecimentos, eu tinha dores de cabeça de estresse porque nada era como eu imaginava que seria.

Era tudo... solitário.

Embora fossem atividades divertidas, sem minha mãe elas pareciam desprovidas de emoção. Meu pai tentava se envolver, se esforçava, mas não era do tipo emotivo. Sempre parecia que ele era apenas um fotógrafo e eu estava fazendo tudo aquilo sozinha.

No entanto, Joss não entendia por que eu não queria dar tanta importância quanto ela aos eventos do último ano. Ficou três dias irritada comigo quando desisti da nossa viagem de férias para a praia, mas, para mim, aquilo parecia mais uma prova que me deixava apavorada do que uma semana de diversão, então não consegui.

Mas... talvez encontrar um final feliz de comédia romântica que minha mãe teria amado poderia transformar todos os sentimentos ruins em bons. Certo?

Abri um sorriso para Jocelyn.

—Vou confirmar e te mando uma mensagem.



Elizabeth Buxbaum sempre soube que seu vizinho não seria um bom namorado. Apesar de todos acharem Wesley Bennett simpático e muito bonito, Liz tinha certeza de que, na verdade, ele era um chato de galochas.

Mas Michael Young era diferente. O amor de infância de Liz estava à altura dos protagonistas das comédias românticas que ela tanto gostava, só que havia se mudado para longe quando os dois ainda eram crianças. Dez anos depois, ele estava de volta, mais lindo e charmoso do que nunca.

Esbarrar com o garoto na escola foi como um sinal do universo. O último ano do ensino médio clamava por gestos grandiosos, um baile inesquecível e momentos apaixonantes. Por isso, como uma boa romântica incurável, Liz estava determinada a fazer qualquer coisa para conquistar o verdadeiro amor. Até mesmo pedir ajuda ao vizinho irritante.

O plano era infalível: fazer com que Michael notasse sua existência e a convidasse para o tão sonhado baile de formatura. Mas à medida que Wes e Liz se aproximam, ela vai questionar tudo o que sabe sobre o amor e descobrir que talvez seu “felizes para sempre” seja surpreendente — e melhor do que ela poderia imaginar.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1256/>

